

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO (PUC-SP)
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
(MODELO ARTIGO)**

**O Monumento às Bandeiras: A representação do ser paulista e sua identidade
em disputa.**

7.00.00.00-0 – CIÊNCIAS HUMANAS

7.05.00.00-2 – História

ORIENTADOR: Prof. Dr. Alberto Luiz Schneider

AUTOR DO PROJETO: Diego Campagnolli Teixeira

RA:00281847

SÃO PAULO
2023

RESUMO:

O artigo tem como objetivo abordar a construção histórica e historiográfica da mitologia bandeirante, como na monumentalização desse sujeito histórico, considerado uma “raça de gigantes” que a memória exalta em ruas, praças, monumentos, avenidas, rodovias, palácios em diferentes locais do estado de São Paulo, compreendendo o discurso bandeirante por meio da vasta bibliografia sobre o tema. Contudo, concentrando-se no patrimônio histórico-cultural público, em particular “O Monumento às Bandeiras”, de Victor Brecheret, instalado em 1953, dentro das comemorações do IV Centenário da fundação de São Paulo. Consequência desse evento, a pesquisa pretende discutir a politização contemporânea dos monumentos, questionando estátuas e monumentos que homenageiam a figura do Bandeirante.

Palavras Chaves: Discurso Bandeirante, Monumentos, Monumento às Bandeiras, Polarização da Memória.

SUMÁRIO:

RESUMO:	2
1. INTRODUÇÃO	4
2. ARTIGO	5
3.1. O MONUMENTO:	8
3.2. A MEMÓRIA:	11
3.3. AS INTERVENÇÕES:	12
3. BIBLIOGRAFIA:	19
4. FONTES:	22

Figura 1. Foto frontal do Monumento às Bandeiras, Victor Brecheret, Foto de Reserva Pessoal (2021).	10
Figura 2. Português e indígenas, segurando um Balaio e um bebê, Detalhes do Monumento às Bandeiras, Victor Brecheret, Foto de Reserva pessoal (2021)	11
Figura 3. Indígena Catequizado, Detalhes do Monumento às Bandeiras, Victor Brecheret, Foto de Reserva pessoal (2021)	11
Figura 4. Canoa, Detalhe do Monumento às Bandeiras, Victor Brecheret, Foto de Reserva Pessoal (2021)	12
Figura 5 Sangramento do Monumento às Bandeiras (2013)	17
Figura 6 Pixo Manifesto (2013), Foto Estadão (03/10/2013)	18
Figura 7 Ensacamento do Monumento às bandeiras, 1979. Fonte: Acervo Mario Ramiro. Crédito fotográfico: 3NÓS3.	19
Figura 8. Monumento às Bandeiras coberto de tinta. Foto: Zanone Fraissat/Folhapress	19
Figura 9 Tinha que acontecer, Cabeça bandeirante, Flávio Cerqueira, 2016, Bronze, 135 x 250 x 160 cm	20

1. INTRODUÇÃO

“Assim que, esculpídos há décadas, os bandeirantes continuam a mobilizar a cidade e seus habitantes. Seja em uma praça em Santo Amaro ou no parque do Ibirapuera, nas pichações, no patrimônio histórico, na grande mídia, nas redes sociais, em um lambe-lambe, na mídia alternativa, em uma história em quadrinhos, em movimentos separatistas, em letras de rap, no meio universitário, no governo municipal, em um movimento independente de combate aos crimes do Estado, no governo estadual — cuja sede, não por acaso, é o Palácio dos Bandeirantes —, no meio artístico, ou em um coletivo autônomo que busca fortalecer o processo de resistência dos povos indígenas, ribeirinhos e tradicionais, o bandeirante circula pelos mais diversos espaços. Nesses trânsitos, ele borra fronteiras temporais, entre regiões da cidade, entre diferentes formas de expressão e entre os domínios “eruditos” e “populares””. (WALDMAN, 2017)

Conforme colocado por Thais Chang, em sua tese “Entre batismos degolas: (Des)caminhos Bandeirantes”, a figura histórica do Bandeirante é muito mais do que Monumentos e figuras artísticas, ele se destaca até hoje dentro da capital paulista, sendo sua imagem vinculada até mesmo ao desenvolvimento e modernização da cidade, dando a São Paulo um de seus mais famosos alcunhos: “A capital bandeirante”

Contudo, vale ressaltar a mistificação e a criação de uma figura heroica presente neste título, tendo em vista que os bandeirantes tomaram, a figura de heróis da república, “A Raça de Gigantes”, assim como desenvolvido por Alfredo Elis Jr., que “formaram” a capital paulista, excluindo a influência das raças minoritárias, como negros e indígenas, que também tiveram um papel fundamental para formação do que conhecemos hoje por São Paulo.

Sendo assim, busco problematizar a construção da figura do bandeirante na historiografia Paulista e sua representação em meio a cidade, trazendo à tona como que essa representação é assumida por parcelas da população que compõem a miscelânea do Ser Paulista. Para isso, utilizei-me da Obra “O Monumento às Bandeiras” de Victor Brecheret como fonte histórica e as intervenções realizadas.

2. ARTIGO

O significado da bandeira segundo o Dicionário da Língua Portuguesa escrito por Moraes e Silva, sendo o primeiro publicado no ano de 1824, tinha por definição: Bandeiras, no Brasil e Minas, associações de homens que vão para os Sertões para descobrir terras minerais. Antes assim chamado os que descobriam “Índios gentios” e conduziam-os, cativavam-os, “resgatavam-os”. Contudo, o Bandeirante ligado à bandeira, apareceu inicialmente em 1871, sendo o bandeirante registrado como: Substantivo masculino que denomina um indivíduo que no Brasil colonial tomou parte em bandeira, como denomina Thais Chang em sua tese: “Entre batismos e degolas: (des)caminhos bandeirantes em São Paulo” de 2017.

Já em 1913, o Bandeirante pode ser definido como: “indivíduo que, no Brasil, faz parte dos bandos destinados a explorar os sertões, atacar selvagens”¹. Na Década de 1930 o Dicionário de Língua Portuguesa de Laudelino de Oliveira, traz consigo a significação de bandeirantes como sinônimo de ser paulista.

Contudo, levando em conta que a história se constrói de maneira polifônica e se transforma por meio do pensamento social durante o tempo, podemos concluir que a figura bandeirante assume por si só diferentes papéis dentro da construção histórica brasileira e especificamente paulista.

Pensando nisso que Afonso de Taunay, começa a produzir sobre os bandeirantes. Por muitos considerado o historiador das bandeiras, historiador de São Paulo e do Brasil, um dos responsáveis pela cristalização da imagem bandeirante, ele foi o criador da memória bandeirante e o transformador do Museu Paulista em museu de história. Taunay fazia parte da ala positivista que dominava o saber histórico da década de 1920 e 1930, e que dominou por muito mais tempo. Ele acreditava que “As fontes são compostas de elementos dispersos que, quando publicados ou conservados em arquivos, possibilitam ao historiador empreender alguns esforços para torná-las inteligíveis”² para ele: “Se o historiador age como o criador de um mosaico, ou seja, “compõem uma imagem por meio de incrustações de pequenas peças de cores variadas”, as mesmas fontes resultam em diversos trabalhos”³ deixando assim claro sua

¹ WALDMAN, Thais Chang. Entre batismos e degolas: (des)caminhos bandeirantes em São Paulo – São Paulo, 2017.

² ANHEZINI, Karina. Um metódico à brasileira: a História da historiografia de Afonso de Taunay (1911-1939). – São Paulo: Editora Unesp, 2011.

³ ANHEZINI, Karina. Um metódico à brasileira: a História da historiografia de Afonso de Taunay (1911-1939). – São Paulo: Editora Unesp, 2011.

intenção de preencher as lacunas deixadas por fontes históricas ao seu modo de fazer história, moldando a verossimilhança ao seu favor.

Taunay tinha como principal objetivo: a construção de um ideal nacionalista, mas acima de tudo a construção de um sentimento de pertencimento a partir da origem paulista. Para isso fez do Museu Paulista, do qual foi diretor durante os anos de 1917 a 1945, o palco de sua construção positivista de unidade nacional, emergindo assim a construção da mítica bandeirante.

“Representação heróica que se presta a legitimar historicamente a pujança das elites paulistas ligadas aos negócios da cafeicultura e ao governo da própria República, e que estivera unida de alguma forma aos momentos-chave da nação como o início da colonização ou a própria aclamação ao grito do Ipiranga. Ligavam-se assim as elites triunfantes da República ao patriciado da São Paulo colonial e, mediante esses laços de sangue, uniam-se as gentes à própria História”.

(MARINS, Paulo César Garcez)⁴

E foi seguindo essa representação que o Monumento às Bandeiras foi criado.

Às vésperas do IV centenário de São Paulo, as ações dos bandeirantes no período colonial foram revividas, reaproveitadas para justificar a superioridade econômica de São Paulo durante a época. Logo, durante o ano do aniversário centenário de São Paulo, a figura do Bandeirante ganhou mais destaque, reavivando a força que tinha durante a inauguração do Museu Paulista, influenciado pela construção histórica de Taunay.

Elaborado em um projeto primordial em 1920, Victor Brecheret, a fim de consagrar a comemoração do centenário da independência, trazia consigo a figura de Bandeirantes despojados de adornos ou de caracteres identitários ou étnicos. Todavia, sendo o século de 1920 marcado pela materialização do mito bandeirante defendido por Taunay, que trazia consigo a ortodoxia das roupas de couro anacrônicas e antitéticas com a realização dos trabalhos realizados nas bandeiras, o projeto inicial é abandonado.

Pode-se dizer que a década de 1920 foi o período de maior afeito ao radicalismo excludente e ufanista de Taunay, trazendo consigo as ideias da “Raça de Gigantes” de Ellis Jr.⁵. Louvando a “raça” paulista, miscigenada e historicamente conquistadora, segundo a época, trazendo esse personalismo excessivo que Brecheret retoma seu projeto trazendo a associação

⁴ ZIMOVSKI, Adauany Pieve. BANDEIRANTES ASSASSINOS. *PIXO-Revista de Arquitetura, Cidade e Contemporaneidade*, v. 1, n. 1, p. 128-137, 2017.

⁵ ELLIS JÚNIOR, Alfredo. *Raça de Gigantes*. 1926

das bandeiras e a pujança regional, que permeavam até os verde amarelos⁶, círculo de modernistas mais conservadores.

Em 1936, já sob o governo getulista, o Monumento às Bandeiras foi finalmente aceito e apoiado pelo poder público, que assumiu os custos da edificação. O projeto final proposto por Brecheret foi totalmente diferente daqueles representados antes. O artista buscou representar além do bandeirante, as três raças que compunham a sociedade paulista: o branco, o negro e o indígena, representados de forma despersonalizada afim de atrair a identificação popular.

O apelo a despersonalização das imagens foi ganhando força, quando a palavra bandeirante não era mais relacionada apenas ao paulista, mas sim ao ser brasileiro, pensando nisso Victor Brecheret diz:

“Esse monumento, como você vê, não é dos bandeirantes, como figuras históricas, mas do espírito das bandeiras, do ímpeto nacional que arrastou essas formidáveis massas humanas para os sertões. Veja [...] se nós brasileiros temos ou não temos razões para nos orgulharmos da nossa história”.⁷

Logo como diz a historiadora Irene Moura:

“A construção do Monumento às Bandeiras está intimamente ligada às questões de memória e identidade paulista, uma vez que sua construção foi iniciada num contexto em que ser paulista não era ter sangue paulista, mas ser herdeiro de valores éticos e morais atribuídos aos bandeirantes [...], com o objetivo de forjar identificação dos sujeitos com um discurso elaborado pelos grupos que estão no poder, estes procuram uniformizar a memória, na tentativa de, entre outras coisas, manter a identidade nacional”

(MOURA Irene Barbosa, 2010.)

Ficando então evidente que a despersonalização dos seres representados e a inclusão das raças deixadas à margem da sociedade pelos artistas da época, torna-se uma manipulação dos mecanismos de memória, como é o caso do monumento, buscando a legitimação e

⁶ Movimento sociocultural modernista que seguia ideais nativistas e que propunha um nacionalismo puro sem interferência europeia, sendo seus precursores: Menotti Del Picchia, Cassiano Ricardo e Plínio Salgado, 1926.

⁷ MOURA Irene Barbosa, 2010. A cidade e a festa: Brecheret e o IV centenário de São Paulo, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP.

manutenção da elite cafeeira que se beneficiou com as bandeiras e que se diziam descendentes diretos dos desbravadores, elaborando assim uma memória nacional confortável a eles. Revitalizando a imagem bandeirante e trazendo o regionalismo nacional paulista pautado no ideal de modernidade, marca do próprio centenário.



Figura 1. Foto frontal do Monumento às Bandeiras, Victor Brecheret, Foto de Reserva Pessoal (2021).

3.1. O MONUMENTO:

Já em 25 de janeiro de 1953, o artista italiano Victor Brecheret, finalmente inaugura sua obra Ofertado à cidade em meio às comemorações do centenário de independência, o Monumento às Bandeiras é concretizado depois de 31 anos da reabertura do Museu Paulista, sede oficial das comemorações paulistas de 1922. Aproveitando a ocasião, sua imagem se tornou símbolo da festa de 1954.

“Pretendi transformar isso [o Monumento às bandeiras] num Altar da Pátria”, explica Brecheret diante de uma população que se multiplicava, “aqui se encontram o índio, o negro e o branco”. Notemos que entre os anos 1950 e 1960, São Paulo ultrapassa demograficamente a capital federal, tornando-se a maior urbe brasileira. Como observa Paulo Garcez Marins (2003), Brecheret já não especifica o português ou o mameluco, como fizera antes, conferindo um caráter mais abrangente aos seus bandeirantes. Mas se o artista enfatiza que em sua obra estão esculpidas “todas as raças” que formaram o Brasil”

(WALDMAN, Thais Chang. 2017)

A obra traz consigo a representação da miscigenação, na figura da mãe indígena que segura um bebê em seus braços, adjunto da representação da extração do ouro, figura de um homem branco ao lado de um indígena que segura o balaio, instrumento utilizado na extração aurífera.



Figura 2. Português e indígenas, segurando um Balaio e um bebê, Detalhes do Monumento às Bandeiras, Victor Brecheret, Foto de Reserva pessoal (2021)

Figura 3. Indígena Catequizado, Detalhes do Monumento às Bandeiras, Victor Brecheret, Foto de Reserva pessoal (2021)

O monumento traz uma ideia de hierarquização, no momento em que dispõe de 2 grupos de homens brancos a cavalo, seguidos por uma fileira de homens indígenas, negros, europeus e mamelucos, sobre uma plataforma ligeiramente inclinada que eles parecem escalar, em meio a essas imagens há de se encontrar figuras de traços indígenas, mas de roupas europeias, com cruzes no pescoço, que parecem remeter ao processo de captura e catequização da população nativa.

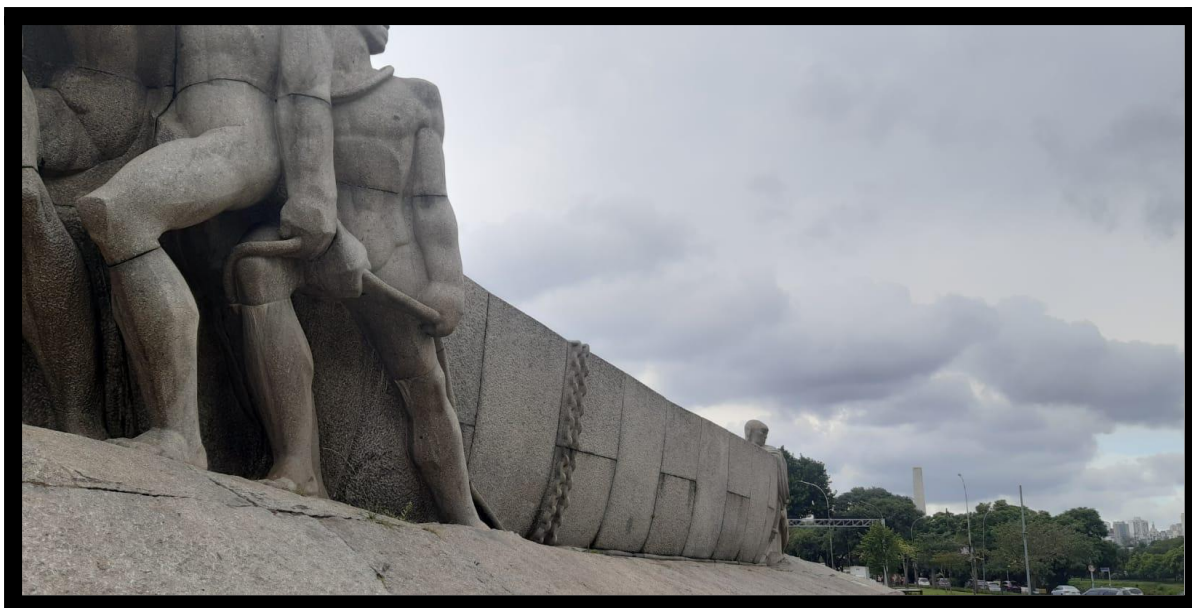


Figura 4. Canoa, Detalhe do Monumento às Bandeiras, Victor Brecheret, Foto de Reserva Pessoal (2021)

Além disso, a canoa mostra:

“As mudanças nas expedições do período colonial que, em meados do século XVIII, assumiram outras características ao utilizar o transporte fluvial em detrimento dos caminhos terrestres. Isso ocorreu em virtude do próprio desenvolvimento de São Paulo, que se tornou um centro comercial movimentado e precisou de alternativas para o transporte de mercadorias”.

(WALDMAN, Thais Chang. 2017)

O Monumento às Bandeiras, destaca-se de qualquer outro objeto, com 50 m de comprimento e 15 m de largura, sendo 6 m de altura, ele está localizado na rotatória da Av. Brasil com a entrada do parque Ibirapuera, ele pode ser visto pelos motoristas e pedestres que trafegam na rua ao seu entorno. Cumprindo a função de que muitos monumentos hoje em dia não fazem, não passar despercebido, mesmo em meio ao imediatismo e velocidade da sociedade urbana paulista. Trazendo assim, o verdadeiro significado de Monumento: de recordar; uma vez que segundo Françoise Choay, o monumento, vem da palavra em latim *monumentum* que deriva da palavra *monere* que significa advertir ou recordar⁸.

⁸ CHOAY Françoise. Alegoria do Patrimônio. Biblioteca Nacional de Portugal, 1925, Edições 70, Abril de 2014.

3.2. A MEMÓRIA:

Segundo Le Goff o monumento tende a se especializar em 2 sentidos: “A obra comemorativa de arquitetura e de escultura [...] ou monumento funerário destinado a perpetuar a recordação de uma pessoa no domínio em que a memória é particularmente valorizada: a morte”.⁹

Sendo assim, o monumento se refere a qualquer artefato edificado por uma comunidade de indivíduos para se recordar, ou fazerem recordar outras gerações, acontecimentos, ritos, crenças ou sacrifícios. Logo, o monumento age como suporte para a construção da memória de um grupo de pessoas ou de uma sociedade, rememorando por meio dele algo que já está morto, edificando-o em materiais sólidos, a fim de trazer o maravilhamento daqueles que dele se utilizam para construção de uma memória coletiva.

Atualmente, o significado de monumento segue sob uma ideia de: “Um edifício, construído para eternizar a recordação de coisas memoráveis, que concebido, erguido ou disposto de forma a tornar-se um agente de embelezamento e magnificência nas cidades”¹⁰.

Logo o monumento é uma criação, cujo destino foi assumido a *priori*, que traz ao presente um passado engolido com o tempo, “O monumento no sentido tradicional remete a um ausente, a um fluxo temporal passado que a peça através de seus símbolos, pretende rememorar, eternizar”¹¹

Visto isso, os monumentos articulam do interior ao exterior, eles articulam as memórias, trazendo à tona a memória individual de quem criou tal obra, e construindo a partir dele a memória coletiva por meio de sua representação e exposição pública. Segundo o Historiador Alois Riegl¹²: o monumento é um sinônimo da sociedade; portanto, passível da transitoriedade que ela traz, colocando as múltiplas interpretações que neles podem ser imbuídas, uma vez que o sentido se altera com as concepções, sempre mutantes de tempo e história, podendo assim o monumento ser considerado uma projeção de tempo e espaço.

Por conseguinte é justo dizer que:

⁹ LE GOFF Jacques. Documento/ Monumento.

¹⁰ CHOAY Françoise. Alegoria do Patrimônio. Biblioteca Nacional de Portugal, 1925, Edições 70, Abril de 2014.

¹¹ FREIRE, Cristina, 1961 Além dos mapas: os monumentos no imaginário urbano contemporâneo, / (Cristina Freire. - São Paulo: SESC: Annablume, 1997.

¹² RIEGL Alois. El culto moderno a los monumentos, Caracteres y Origen, ePub r1.0, Titivilus 01.09.2019.

“Os edifícios e áreas urbanas possuidoras de valor patrimonial podem ser tomados como um ponto de apoio da construção da memória, de valor e poder como um estímulo externo que ajuda a reativar e reavivar os traços arquitetônicos na formação sócio territorial. Nesse viés, a memória coletiva moldada pelo transpor do tempo não é mais de que um passeio através da história, revisitada e materializada no presente pela arquitetura”

(DE OLIVEIRA Tarcisio Dorn e LOPES Caryl Eduardo Jovanovich, 2018).

Portanto, o monumento é um legado à memória coletiva, criado pelo homem e por ele edificado para carregar consigo toda uma carga de concepções que farão símbolo de uma mensagem que quis ser passada. O monumento é a conversação entre a memória individual e a memória coletiva, e principalmente os de cunho bandeirante, já que trazem consigo a construção de uma mítica, com o intuito de construir a memória hegemônica heroica e romantizada do sertanejo paulista.

3.3. AS INTERVENÇÕES:

Contudo, essas obras trazem memórias e narrativas dicotômicas e despertam emoções diferentes em cada observador, como fica destacado a partir da epígrafe a seguir:

Saindo da Av. Paulista, marchamos em direção a essa estátua de pedra, chamada de Monumento às Bandeiras, que homenageia aqueles que nos massacraram no passado. Lá subimos com nossas faixas, e hasteamos um pano vermelho que representa o sangue dos nossos antepassados, que foi derramado pelos bandeirantes, dos quais os brancos parecem ter tanto orgulho. Alguns apoiadores não-indígenas entenderam a força do nosso ato simbólico e pintaram com tinta vermelha o monumento. Apesar da crítica de alguns, as imagens publicadas nos jornais falam por si só: com esse gesto, eles nos ajudaram a transformar o corpo dessa obra ao menos por um dia. Ela deixou de ser pedra e sangrou. Deixou de ser um monumento em homenagem aos genocidas que dizimaram nosso povo e transformou-se em um monumento à nossa resistência. Ocupado por nossos guerreiros xondaro, por nossas mulheres e crianças, esse novo monumento tornou viva a bonita e sofrida história de nosso povo, dando um grito a todos que queiram ouvir: que cesse de uma vez por todas o derramamento de sangue indígena no país! Foi apenas nesse momento que esta estátua tornou-se um verdadeiro patrimônio público, pois deixou de servir apenas ao simbolismo colonizador das elites para dar voz a nós, indígenas, que somos a parcela originária da sociedade brasileira.

A epígrafe acima relata uma das primeiras intervenções realizadas no Monumento às Bandeiras. Na noite de 2 de outubro de 2013, povos indígenas marcharam em direção a obra e a pintaram de vermelho. Ela também foi pichada a fim de mostrar a insatisfação contra a proposta de Emenda à Constituição/ PEC 215 que previa a mudança de regras de demarcação das terras indígenas no país¹⁵. A obra de Brecheret serviu a esses indígenas, de veículo para expressar sua revolta, transformando-a em um espaço, que traz à tona a narrativa da figura bandeirantista sob o espectro dos povos nativos, além de evidenciar sua falta de identificação com o patrimônio em questão contrastando com a própria ideia de patrimônio.

Segundo Bourdieu¹⁶, o patrimônio é um construto coletivo, a ideia de patrimônio para as relações de espaço, memória e identidade e o processo de produção de seu significado está intimamente ligado ao sentimento de pertencimento e identificação, sendo assim os: “espaços e lugares são “construídos, imaginados, contestados e impostos”, ou seja, não são realidades prontas e acabadas”¹⁷.

Logo, o patrimônio toma em sua dimensão de construto coletivo; que se refere a: pensamentos e práticas referentes à valorização ou escolha de determinado momento, que são imbuídos de significados relativos à memória e aos sentimentos de pertencimento a determinado lugar – material, físico e social, trazendo consigo a tríade do espaço/ memória/ identidade que frequentemente se transveste de valores políticos.

Seguindo nesse sentido, o espaço e a identidade patrimonial são inventados e voláteis, a determinados grupos socioculturais, e potencializam a criação memorial, visto que os lugares de memória nos falam não somente do passado, mas também constroem a narrativa do tempo presente, sendo os monumentos a referência espacial da memória e “um dos suportes mais nítidos e socialmente compartilhados de memória coletiva”¹⁸.

¹³ Valverde, R. R. H. F. (2018). O sentido político do Monumento às Bandeiras, São Paulo: condições e oportunidades para a multiplicação de narrativas a partir da transformação do espaço público. *PatryTer*, 1(2).

¹⁴ liderança indígena e Coordenador Tenondé da Comissão Guarani Yvyrupa (CGY).

¹⁵ O marco temporal voltou a ser um assunto no ano de 2023, uma vez aprovado na câmara dos deputados o Projeto de Lei n. 490, que atualiza o texto da PEC 215 e retira o direito dos indígenas a posse de suas terras, direito garantido pela constituição de 1988

¹⁶ MOREIRA, Corina Maria Rodrigues. Entre monumentos e bandeiras: o patrimônio como operador de leitura/Between monuments and flags: Heritage as reading operator. **Patrimônio e Memória**, v. 14, n. 2, p. 401-415, 2018.

¹⁷ MOREIRA, Corina Maria Rodrigues. Entre monumentos e bandeiras: o patrimônio como operador de leitura/Between monuments and flags: Heritage as reading operator. **Patrimônio e Memória**, v. 14, n. 2, p. 401-415, 2018.

¹⁸ FREIRE, Cristina. Além dos mapas: os monumentos no imaginário urbano contemporâneo. Annablume, 1997.

Visto isso, identificamos o que os grupos sociais que não estão contidos nessa estrutura, grupos esses colocados à margem das cidades, em espaços com fronteiras bastante delimitadas quanto a suas vivências e participação social, acham novos meios de se fazerem presentes, de transitar e adentrar espaços. Memórias negadas, que se expressam seja por meio do Pixo, do grafite ou de intervenções sócio artísticas.

O monumento é construído não só por materialidade; ha nele discursos, histórias, memórias, contém povos e nações, é uma cristalização de um tempo espaço, mas que transcende o seu local de feitura, operando e vibrando em outras temporalidades que não aquela para qual foi pensado. É um suporte ideológico.

Todavia, uma vez delimitado como Patrimônio Público, como é o caso da obra artística de Brecheret, que exposta ao grande público em meio a cidade de São Paulo, está sujeita a uma visão interpretativa variada. Sendo assim, o monumento é um apêndice da visão construída pela sociedade, e que tem sua concepção sempre mutável, alterando-se, conforme o tempo, a memória e o espaço por eles ocupados na sociedade.

Portanto, desde sua origem até o assentamento, o monumento pertence a dois mundos, reconfigurando a ideia de espaço e tempo, dado que se encontra em seu tempo de origem e ao mesmo tempo nos dias atuais.

A resignificação de um monumento, parte por aqueles que o observam, e que ao fazer isso trazem à tona a memória e sentimento que aquele objeto ocupa dentro do espaço, rememorando uma história dentro de suas mentes. Logo, quase 100 anos depois de idealizações e construções de memórias heroificação, vimos a articulação dos povos indígenas em outubro de 2013, com a Semana Nacional da Mobilização Indígena, convocada pela APIB¹⁹. E foi durante essa ocasião que os monumentos bandeirantes sangraram.

“Ocupado por nossos guerreiros xondaro, por nossas mulheres e crianças, esse novo monumento tornou viva a bonita e sofrida história de nosso povo, dando um grito a todos que queiram ouvir: que cesse de uma vez por todas o derramamento de sangue indígena no país!”.

Marcos Tupã²⁰

A manifestação começou quando 1,2 mil indígenas e quilombolas marcharam pela Av. Paulista até o patrimônio cultural de São Paulo entoando as palavras “Assassino! Assassino!” Chegando lá, eles, os indígenas, hastearam um grande pano vermelho- remetendo ao sangue

¹⁹ articuladores dos Povos Indígenas do Brasil

²⁰ liderança indígena e Coordenador Tenondé da Comissão Guarani Yvyrupa (CGY).

indígena derramado pelos “heróis” bandeirantes, alguns apoiadores da pauta indígena jogaram tinta vermelha nas figuras de granito. O filho de Victor Brecheret, aproveitou para dizer que seu pai sempre teve orgulho da solidez de sua obra e dizia que mesmo que caísse uma bomba em São Paulo, o monumento permaneceria intacto²¹. Porém, naquele dia o “Monumento às Bandeiras” sangrou.



Figura 5. Sangramento do Monumento às Bandeiras (2013)

“Para nós [povos indígenas], arte é outra coisa. Ela não serve para contemplar pedras, mas para transformar corpos e espíritos. Para nós, arte é o corpo transformado em vida e liberdade e foi isso que se realizou nessa intervenção”.

MARCOS TUPÃ.²²

No mesmo ano o famoso “empurra-empurra”²³ também sofreu com o protesto do grupo “O Pixo Manifesto Escrito”, com o intuito de apoiar a causa escreveram no monumento os dizeres “PEC 215 não” e “Bandeirantes assassinos”. O objetivo do ato, segundo um dos interventores, era de chamar a atenção sobre o tema²⁴.

²¹ WALDMAN, Thais Chang. Entre batismos e degolas: (des)caminhos bandeirantes em São Paulo – São Paulo, 2017.

²² liderança indígena e Coordenador Tenondé da Comissão Guarani Yvyrupa (CGY).

²³ apelido popular do “Monumento às Bandeiras”.

²⁴ O Intervenção realizada pelo Grupo Pixo Manifesto Escrito.



Figura 6. *Pixo Manifesto (2013), Foto Estadão (03/10/2013)*

Durante outros anos, a obra recebeu intervenções de menor repercussão em relação às anteriormente citadas, sendo elas: “O ensacamento ao Monumento às Bandeiras” de 1979 que fazia alusão à prática de grande recorrência durante os interrogatórios realizados durante a ditadura militar (1964-1985), em que as cabeças dos presos políticos eram cobertas com sacos, induzindo ao sufocamento. Tal intervenção foi realizada pelo grupo 3NÓS3²⁵²⁶, conhecido por suas ações que questionavam os espaços públicos da cidade paulista, sendo essa a primeira intervenção política no monumento.

E por último, de autoria desconhecida, realizada na manhã de 30 de setembro de 2016, que teve como principal motivo não apenas contestar o heroísmo dos bandeirantes ali representados como também as falas de João Doria e Marta Suplicy, no debate, realizado na noite do dia anterior, para candidatura à Prefeitura de São Paulo, no qual ambos elencaram as pichações a um dos maiores problemas da cidade de São Paulo; escolhendo novamente a obra do artista italiano como meio de intervenção sócio-política.

²⁵ Formado pelos artistas plásticos Hudinilson Jr. (1957-2013), Mario Ramiro (1957) e Rafael França (1957-1991) o grupo 3NÓS3 realiza ações que questionam os espaços da cidade de São Paulo

²⁶ 3NÓS3. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2023. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/grupo434553/3nos3>. Acesso em: 19 de setembro de 2023. Verbete da Enciclopédia.



Figura 7. Ensacamento do Monumento às Bandeiras, 1979. Fonte: Acervo Mario Ramiro. Crédito fotográfico: 3NÓS3.



Figura 8. Monumento às Bandeiras coberto de tinta. Foto: Zanone Fraissat/Folhapress

E fazendo confluência com a quebra do heroísmo bandeirante, a última intervenção citada é a de Flávio Cerqueira, que “Decapitou os bandeirantes do corpo da história e tombou uma das cabeças entre os paulistanos”²⁷. A obra chamada “Tinha que acontecer” já traz em seu nome a provocação de Flávio ao fazê-la. De 2016, ela foi exposta em uma mostra individual de nome também provocatório “Se precisar, conto outra vez”; realizada na Casa Triângulo, na porção nobre de São Paulo, região do Jardins, a construção dispunha-se a céu aberto, ela consistia numa cabeça de um bandeirante de 3,5 toneladas de bronze decapitada e deixada ao Chão. Para o criador:

“Seria um sonho se esse trabalho fosse instalado ao lado do Monumento às bandeiras, [...] acredito que esse contraponto poderia colocar em questão a presença heroica dos bandeirantes em nossa história e a minha ideia de anulação simbólica desses heróis se concretizaria de fato”²⁸.



Figura 9. *Tinha que acontecer; Cabeça bandeirante, Flávio Cerqueira, 2016, Bronze, 135 x 250 x 160 cm, Foto de Romulo Fialdini*

Por fim, colocados a par das intervenções realizadas, conclui-se que a partir desses atos os monumentos mais do que antes tornam-se lugares de memória, de uma memória realmente coletiva, que abarca todas as classes e raças, trazendo à tona as narrativas históricas daqueles que permaneceram obscurecidos pelo poder das elites locais, trazendo a história como uma construção polifônica, na qual todas as vozes devem ser ouvidas e respeitadas.

²⁷ WALDMAN, Thais Chang. Entre batismos e degolas: (des)caminhos bandeirantes em São Paulo – São Paulo, 2017.

²⁸ SCHNEIDER, Alberto Luiz. Capítulos de História Intelectual: Racismos, identidades e alteridades na reflexão sobre o Brasil. 1 ed- São Paulo: Alameda 2019

3. BIBLIOGRAFIA:

ANHEZINI, Karina. Um metódico à brasileira: a História da historiografia de Afonso de Taunay (1911-1939). – São Paulo: Editora Unesp, 2011.

BARBOSA, Arthur Gomes. ENTRE SENTIDOS COMO ESTRUTURAS LIMÍTROFES: Um olhar sobre o sangramento do monumento às bandeiras de Victor Brecheret.

BATISTA Marta Rossetti, Bandeiras de Brecheret- história de um monumento (1920-1953). São Paulo Editora, Secretaria Municipal da Cultura 1985

BREFE, Ana Cláudia Fonseca. O Museu Paulista: Affonso de Taunay e a memória nacional, 1917-1945. – São Paulo: Editora UNESP: Museu Paulista, 2005

CHOAY Françoise. Alegoria do Patrimônio. Biblioteca Nacional de Portugal, 1925, Edições 70, Abril de 2014.

DE OLIVEIRA Tarcisio Dorn e LOPES Caryl Eduardo Jovanovich. monumento, monumentalidade, valor e poder. METagraphias: letra JK de JK de utopias políticas possíveis v.3 n.3 setembro 2018.

FERREIRA Antonio Celso. A epopéia bandeirante: letrados, instituições, invenção históricas (1870-1940). São Paulo: Editora UNESP 2002.

FREIRE, Cristina, 1961 Além dos mapas: os monumentos no imaginário urbano contemporâneo, Cristina Freire. - São Paulo: SESC: Annablume, 1997.

LE GOFF Jacques. Documento/ Monumento.

LOFEGO, Silvio Luiz. 1954-A cidade aniversariante e memória coletiva O IV centenário da cidade de São Paulo.

LOFEGO, Silvio Luiz. A construção da memória na publicidade do IV centenário da cidade de São Paulo. UNESP.

MARINS Paulo César Garcez. O Parque do Ibirapuera e a construção da identidade paulista, Anais do Museu Paulista. São Paulo. N. Sér. v. 6/7. P.9-36 (1998-1999). Editado em 2003.

MARINS Paulo César Garcez. NOVOS PATRIMÔNIOS, UM NOVO BRASIL? UM BALANÇO DAS POLÍTICAS PATRIMONIAIS FEDERAIS APÓS A DÉCADA DE 1980. ESTUDOS HISTÓRICOS, Rio de Janeiro, vol. 29, n° 57, p.9-28, janeiro-abril 2016.

MOREIRA, Corina Maria Rodrigues. Entre monumento e bandeiras: o patrimônio como operador de leitura. São Paulo, Unesp, v.14, n.2, p.401-4015, julho-dezembro, 2018.

MOURA, Irene Barbosa de. O monumento e a cidade. A obra de Brecheret na dinâmica urbana. Revista Cordis: Revista Eletrônica de História Social da Cidade.

MOURA Irene Barbosa, 2010. A cidade e a festa: Brecheret e o IV centenário de São Paulo, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP.

PECCININI Daisy. Brecheret. A Linguagem das Formas

POLAK Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, Vol. 2, n.3, 1989, p 3-15.

RIEGL Alois. El culto moderno a los monumentos, Caracteres y Origen, ePub r1.0, Titivillus 01.09.2019.

SCHNEIDER, Alberto Luiz. Capítulos de História Intelectual: Racismos, identidades e alteridades na reflexão sobre o Brasil. 1 ed- São Paulo: Alameda 2019

TESSITORE, Mariana. MONUMENTO SEM DIÁLOGO. Patrimônio intervenção.

TESSITORE Mariana, MONUMENTO SEM DIÁLOGO.

VALVERDE, Rodrigo Ramos Hospodar Felipe. O sentido político do Monumento às Bandeiras, São Paulo: condições e oportunidades para a multiplicação de narrativas a partir da transformação do espaço público. Revista Latinoamericana e Caribenha de Geografia e Humanidades, Vol.1, n.2, pp.2940, Artigo, setembro de 2018.

WALDMAN, Thais Chang. Entre batismos e degolas: (des)caminhos bandeirantes em São Paulo – São Paulo, 2017.

ZIMOVSKI Aduany Pieve. BANDEIRANTES ASSASSINOS representação e invisibilidade.

4. FONTES:

<https://educacao.uol.com.br/disciplinas/historia-brasil/bandeirantes-herois-ou-viloes-a-construcao-do-mito.htm>

<https://www.nexojornal.com.br/ensaio/2021/A-guerra-%C3%A0s-est%C3%A1tuas-e-a-pol%C3%ADtica-p%C3%ABblica-de-mem%C3%B3ria?fbclid=IwAR2Oue6rBRm4dtq7QiHyxfXMDurlcH75EYNzRQTx3rmHy3dw6KwgIyaARvY>

<https://brasil.elpais.com/brasil/2021-07-29/prisao-de-ativista-que-queimou-borba-gato-provoca-debate-sobre-a-memoria-de-sao-paulo.html>

<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/07/25/por-que-borba-gato-e-alvo-de-p-rojatos-de-lei-que-propoe-tirar-seu-nome-de-espacos-publicos-em-sao-paulo.ghtml>

<https://brasil.elpais.com/brasil/2021-07-24/estatua-do-borba-gato-simbolo-da-escravidao-em-sao-paulo-e-incendiada-por-ativistas.html>

<https://www.metropoles.com/brasil/alem-de-borba-gato-conheca-monumentos-a-escravocratas-no-brasil>

<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/marceloleite/2021/07/por-que-demolir-borba-gato-e-preservar-victor-brecheret.shtml>

<https://www.brasildefato.com.br/2021/07/30/o-que-fazer-com-a-estatua-do-borba-gato-covereadoras-pedem-plebiscito-e-participacao-popular>

<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/07/30/vereadora-de-sao-paulo-propoe-trocar-estatua-de-borba-gato-por-uma-de-tereza-de-benguela-lider-quilombola-do-seculo-18.ghtml>

<https://www.cafehistoria.com.br/borba-gato-e-o-passado-colonial-brasileiro/>

<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/07/30/monumento-a-mariguella-e-coberto-com-tinta-vermelha-e-escadao-marielle-franco-pichado-com-frase-viva-borba-gato.ghtml>

<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/06/25/deputada-protocola-pl-que-preve-remocao-de-estatuas-de-escravocratas-em-sp.htm>

<https://www.camara.leg.br/noticias/711852-projeto-proibe-monumentos-em-homenagem-a-escravocratas/>

<https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2021/08/01/sao-paulo-tem-monumentos-de-mais-de-40-personalidades-controversas-aponta-levantamento.ghtml>

https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/08/10/justica-de-sp-revoga-prisao-de-3-ativistas-presos-por-incendio-a-estatua-de-borba-gato.ghtml?utm_source=twitter&utm_medium=social&utm_campaign=g1

<https://outraspalavras.net/historia-e-memoria/caso-borba-gato-desmontando-o-terraplano-historico/>

<https://blogdosakamoto.blogosfera.uol.com.br/2016/09/30/ao-inves-de-pichar-que-tal-remover-as-homenagens-aos-bandeirantes-em-sp/>

<https://vitruvius.com.br/index.php/revistas/read/minhacidade/17.196/6268>

<https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/policia-do-rj-investiga-queima-de-estatua-centenaria-de-pedro-alvares-cabral/>

<https://diariodorio.com/vandalos-picham-e-incendeiam-estatua-de-pedro-alvares-cabral-na-gloria/>

<https://noticias.r7.com/sao-paulo/estatua-do-bandeirante-borba-gato-e-incendiada-em-sao-paulo-24072021>

<https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/estatua-de-pedro-alvares-cabral-e-incendiada-no-rio-em-protesto-contramarco-temporal/>

<https://www.metropoles.com/brasil/estatua-de-borba-gato-e-incendiada-por-manifestantes-em-sao-paulo>

<https://enciclopedia.itaucultural.org.br/grupo434553/3nos3>

<https://www.estadao.com.br/sao-paulo/edison-veiga/duas-entrevistas-o-filho-de-brecht-eret-e-o-pichador-do-monumento-as-bandeiras/>

<https://confer.org.br/novo-genocidio-pl-490-quer-anular-conquistas-indigenas-pos-constituicao-88-e-viola-o-direito-as-terras-originarias/>

<http://flaviocerqueira.com/trabalhos/tinha-que-acontecer-2016/>